

opinião

opinio@jornaldocomercio.com.br

/ PALAVRA DO LEITOR

Esqueletão

As obras de demolição do Esqueletão, no Centro Histórico de Porto Alegre, estão ocorrendo por etapas. A principal tarefa será implodir a estrutura em data a ser marcada. Quando isso acontecer, o vazio será um terreno cujo uso também é incerto. Do ponto de vista comercial, será um espaço dos sonhos para erguer um complexo (Coluna Começo de Conversa, **Jornal do Comércio**, edição de 22/11/2024). Porto Alegre hoje é uma cidade feia e suja, muitos bairros já abandonados e outros em processo de abandono. Moradores de rua em cada esquina e lixo espalhado por toda parte. Isso aí não é nem de longe a coisa mais feia da cidade. *(Beto Arisi)*



Esqueletão II

Agora, quando não sobrar nada, não podem deixar vazio, porque já sabemos que vira lugar para consumo de drogas. *(Sandra Magali Cardoso Cros)*

Esqueletão III

Finalmente! Era feio e um perigo. *(Maria Luiza Fávero)*

Meio ambiente

Na questão do conflito entre árvores e redes elétricas, e outras, inúmeras inconsistências e equívocos ocorrem. Mesmo na recente lei estadual que procura tratar do caso. Por exemplo, facultar os agentes das redes a lidar com as árvores, quando é uma atribuição indelegável do poder público municipal. Em Porto Alegre, desde 1992, o Decreto 10.237 estabelece normas a respeito, entre as quais, a prerrogativa impedindo as tais “podas” entre abril e setembro. Lamentavelmente, as gestões posteriores não as aplicaram, com a omissão dos vereadores. *(Caio Lustosa, ex-secretário de Meio Ambiente de Porto Alegre)*

Junta Comercial

A Junta Comercial, Industrial e Serviços do Rio Grande do Sul está em uma nova sede na avenida Borges de Medeiros, 521, no Centro Histórico de Porto Alegre. As atividades no novo endereço começaram em outubro (JC, 08/11/2024). Importante desafio aos novos empreendedores e empresas constituídas. A Junta faz do RS um aliado para a evolução dos negócios. *(João Afonso Boer)*

Política

Vice-prefeita eleita de Porto Alegre, Betina Worm (PL) tem o desafio de dar sequência à gestão, junto a Sebastião Melo (MDB), nos próximos quatro anos. Médica-veterinária do Exército há mais de 30 anos e estreante na política, ela quer agregar os conhecimentos e experiências que teve como militar ao governo municipal (JC, 11/11/2024). Essa experiência não serve para o serviço público, pois, simplesmente, existe um abismo pela limitação da arrecadação municipal. *(Jonhy Cavalcanti)*

Na coluna Palavra do Leitor, os textos devem ter, no máximo, 500 caracteres, podendo ser sintetizados. Os artigos, no máximo, 2300 caracteres, com espaço. Os artigos e cartas publicados com assinatura neste jornal são de responsabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, dentro da possibilidade do espaço disponível, obedece ao propósito de estimular o debate de interesse da sociedade e o de refletir as diversas tendências.

/ ARTIGOS

O dilema dos liberais

Pedro Dias Dal Magro

O dilema entre um posicionamento rígido e uma maior adaptabilidade não é exclusividade do liberalismo atual. Ao longo da história, movimentos políticos de diferentes espectros enfrentaram o desafio de manter princípios firmes ou ceder em nome da relevância. Esse embate entre ideais intransigentes e flexibilidade prática definiu o caminho de muitas correntes políticas. Há algumas décadas, o liberalismo enfrenta sua própria versão desse dilema.

Movimentos e partidos liberais ao redor do mundo dividem-se entre defender uma linha mais imaculada ou buscar alianças para avançar suas ideias no campo político. Esse comportamento é evidente no Brasil, onde a política é dominada pelo “Centrão” – um bloco que privilegia a conveniência à ideologia. Em um ambiente em que a lealdade aos princípios pode levar ao isolamento, o liberal brasileiro precisa decidir entre manter-se firme ou adaptar-se.

Na Argentina, Javier Milei é uma rara exceção. Um liberal que, contra todas as expectativas, rompeu com a insignificância e mobilizou eleitores exaustos do estatismo. Milei, com sua postura combativa e antissistema, conseguiu um apelo popular que muitos liberais ao redor do mundo dificilmente alcançam. Sua trajetória levanta uma questão crucial: é possível para o liberalismo se tornar uma força relevante e popular sem se diluir? Como conquistar o entusiasmo das massas

sem cair no populismo?

No Brasil, o partido Novo, que melhor representa o ideário liberal, obteve resultados variados nas últimas eleições municipais. Embora tenha mostrado crescimento, suas vitórias mais expressivas no Executivo, como em Joinville (SC) e Taubaté (SP), vieram de alianças e coligações – uma estratégia pragmática que contrasta com a postura independente defendida em outros tempos. Já em São Paulo e Porto Alegre, onde o Novo optou por candidaturas “puras”, o desempenho ficou abaixo das expectativas, mesmo trazendo bons candidatos.

O liberalismo precisa encontrar uma forma de engajar as pessoas sem renunciar aos seus princípios

O liberalismo no Brasil precisa encontrar uma forma de engajar as pessoas sem renunciar aos seus princípios. A tarefa é construir uma conexão verdadeira, que amplie sua base e conquiste relevância sem comprometer a essência de suas ideias. Afinal, ser fiel aos ideais é crucial, mas saber adaptá-los para gerar impacto e relevância é o que realmente define uma força transformadora.

Engenheiro de produção e associado do Instituto de Estudos Empresariais (IEE)

O Brasil e o mundo em meio a Trump 2.0

Lucas Loeblein

Com a vitória de Donald Trump sobre a democrata Kamala Harris nas eleições norte-americanas, a direita mundial renovou seu capital político. Reflexos serão percebidos em todas as nações ao redor do globo, incluindo o Brasil. Por aqui, apesar das projeções indicarem troca de farpas entre os governantes, há que se reconhecer o gesto do presidente Lula em, rapidamente, parabenizar o republicano que saiu vencedor do pleito eleitoral.

Na administração de Trump, China e Rússia tendem a aumentar suas influências sobre o sul global

Com o tempo e a futura posse de Trump, espera-se que a relação Brasil-Estados Unidos esfrie. Não obstante, especialistas em política internacional de todo o mundo ressaltam que, a partir da eleição do republicano, a China e a Rússia tendem a aumentar suas influências sobre o sul global, em especial o Brasil, haja vista as evidentes diferenças de pensamento entre Lula e Trump, que tenderão a se acentuar conforme o passar do tempo. No Brasil, por exemplo, de pron-

to foi percebida uma disparada no Dólar, indicativo da reação nervosa do mercado de câmbio.

No que tange à diplomacia, o ideal é que a relação de parceria comercial seja não somente mantida, mas também ampliada. Trump e Lula, apesar das divergências públicas, sabem do potencial econômico-financeiro que o mercado de exportações e importações entre os dois países possui. Mais do que isso: Trump precisará dar o braço a torcer se quiser manter a influência norte-americana sobre as terras tupiniquins, sob pena de, diante de seus olhos, a China inundar o Brasil com investimentos pesados, de modo a ampliar sua participação no mercado nacional.

Por fim, é válido mencionar que a população norte-americana elegendo Trump para um segundo mandato demonstra uma nova guinada do ocidente para a direita e extrema direita, o que merece atenção dos especialistas em política internacional, haja vista que, ao observar as demais grandes nações, nota-se que a extrema direita vem ganhando cada vez mais espaço no pós-pandemia, sinal claro de descontentamento da população que deposita no populismo suas esperanças para uma condição de vida mais barata.

Advogado